

Espaço social e práticas de consumo de drogas de adolescentes da região de Paris

Marta Maia

Pesquisadora do Cria/Instituto Universitário de Lisboa

A adolescência representa um momento propício ao consumo de drogas. É frequentemente durante esse período que se inicia o consumo. Além do risco da toxicomania, há que se considerar riscos associados, tais como os acidentes rodoviários ou ainda os ligados à sexualidade. Por meio de uma pesquisa com estudantes de instituições de ensino de duas cidades da região da Île-de-France, este artigo investiga a iniciação ao consumo de drogas, os seus determinantes e a função ritual que desempenham as práticas consideradas desviantes, em uma sociedade em que os ritos de passagem coletivos e institucionalizados tendem a desaparecer.

Palavras-chave: adolescentes, espaço social, drogas, risco, ritos de passagem

The teenage years represent a phase in which youths are susceptible to drug use. Drug consumption often begins during these years. In addition to the risk of addiction, one must also consider the associated risks, such as road accidents or even sex-related risks. By means of research conducted with school pupils from two cities in the Île-de-France region, the article **Social Space and Practices of Teenage Drug Use in the Paris Region** investigates how drug use begins, its determining factors and the ritualistic role played by practices considered deviant in a society in which collective and institutionalised rites of passage tend to disappear.

Palavras-chave: teenagers, social space, drugs, risk, rites of passage

O contexto: Montreuil-sous-Bois x Vincennes, escolas públicas x escolas privadas

Recebido em: 30/05/10

Aprovado em: 23/09/10

A periferia de Paris divide-se em cidades e bairros, com perfis sociais bem distintos, que, aqui pretendo demonstrar, ditam os comportamentos e as representações sociais dos indivíduos. Essa região, onde se desenrolou nossa investigação (MAIA, 2009 [2004]), é um território plural, cobrindo realidades diversas. Nela coabitam várias classes sociais, que se distribuem por diversos bairros. Os bairros e as cidades majoritariamente povoados pelas classes desfavorecidas e onde se concentra um maior número de imigrantes são chamados *bairros quentes* (*quartiers chauds*), ou a zona (*la zone*), ou ainda simplesmente a periferia (*la banlieue*)¹. Esses termos subentendem problemas de violência, de delinquência, de desemprego... A marginalidade não é, no entan-

1 O termo francês designa a periferia ou o subúrbio de uma grande cidade. Dizer "j'habite en banlieue" ou dizer "j'habite dans la banlieue" tem uma carga simbólica diferente. Com a expressão "la banlieue" referindo-se àquela periferia socialmente mais desfavorecida, e o termo "banlieue", sem artigo definido, a uma periferia qualquer.

to, espacial, mas social. Isto é, a situação periférica não é, por si só, o único sinal da marginalidade. Dentre essas cidades periféricas, Vincennes e Montreuil são vizinhas, ambas na Região Leste de Paris, mas separadas por uma fronteira invisível, a das classes sociais e da sua identidade em negativo, isto é, uma identidade social construída em oposição à outra, cada uma delas procurando seu poder em seu campo e com os seus meios.

A presente investigação tem como objetivo verificar a relação entre esses meios e a iniciação ao consumo de drogas dos adolescentes neles viventes, os seus determinantes e a função de rito de passagem que desempenha a iniciação ao consumo de substâncias psicoativas.

A base da investigação foi o contato com jovens entre os 14 e os 20 anos de quatro estabelecimentos de ensino situados em Montreuil e Vincennes². Trata-se de dois estabelecimentos católicos e privados, a Institution Notre-Dame de la Providence, de ensino geral, e o Lycée Gregor Mendel, de ensino técnico-profissional, em Vincennes, e de dois estabelecimentos públicos, o Lycée Jean Jaurès e o Collège Fabien, em Montreuil-sous-Bois. Os estabelecimentos privados, situados na cidade de Vincennes, são frequentados por adolescentes e jovens das classes média e alta; os estabelecimentos públicos, em Montreuil, concentram uma população socialmente mais desfavorecida e em grande parte com percursos migratórios.

O principal método de pesquisa utilizado foram as entrevistas semiestruturadas, as conversas informais e a observação. Foram feitas cerca de 20 entrevistas em cada estabelecimento, com um total de 78 adolescentes inquiridos, 32 rapazes e 46 moças, entre outubro de 1997 e março de 2000.

A observação dessas populações estudantis permitiu-nos concluir que não há um perfil do adolescente independentemente do contexto no qual ele evolui e que a relação com o consumo de drogas não é a mesma nas diferentes classes sociais. Como notou Bozon (1998), os comportamentos inserem-se sempre em contextos sociais de maior ou menor vulnerabilidade.

A construção da identidade dos adolescentes e jovens se assenta em um capital cultural e simbólico (BOURDIEU e PASSERON, 1964) próprio a cada grupo e se exprime, por exemplo, por meio da indumentária (ilustrada pela recusa dos jovens dos meios socialmente mais favorecidos em vestir fatos de treino em oposição aos jovens das classes desfavore-

2 A fim de não ser identificada com o sistema de ensino, contatei os adolescentes e jovens diretamente à saída das aulas, sobretudo à hora de almoço. Essa opção foi motivada pela necessidade de estabelecer uma relação de confiança com os entrevistados, que frequentemente têm uma posição de desconfiança em relação ao sistema escolar. Ainda assim, alguns perguntavam-me se eu fazia parte da administração da escola ou se era professora, e só após eu lhes explicar que era pesquisadora e estava a fazer um trabalho de campo junto à população estudantil eles perdiam o receio. Por vezes eu ficava com eles apenas a conversar informalmente, o que aumentou a relação de confiança e facilitou a recolha de dados. O trabalho de campo decorreu durante um ano letivo.

recidas que fazem da roupa de desporto um uniforme), da linguagem e da *hexis* corporal (BOURDIEU, 1979). A valorização de si, que passa sobretudo pelos recursos materiais e pelos resultados escolares para os primeiros, e pela demonstração da força, seja ela física, verbal ou psicológica, para os segundos (LEPOUTRE, 1997; DURET, 1999), adverte para as desigualdades sociais em face da escola e da cultura (BOURDIEU e PASSERON, 1964) e para o papel do espaço social no desenho das práticas dos indivíduos.

O trabalho de campo aponta no sentido de o tipo de estabelecimento frequentado ser igualmente determinante na construção da identidade social e nas relações sociais dos sujeitos. É, com efeito, na escola que passam grande parte de seu tempo e que tecem as suas relações de sociabilidade. O meio escolar parece funcionar como um importante fator de construção da sociabilidade e de inserção em uma dada categoria social. Estar inscrito em uma escola seletiva, como é o caso da Institution Notre-Dame de la Providence, significa frequentar gente de status social elevado, frequentar um lugar em que se aprende a comportar-se em função dessa pertença social, inserir-se em uma certa categoria, em um grupo que possui os seus códigos, valores, representações e comportamentos próprios. Aprende-se a ser membro de um grupo aderindo a sua cultura. O sistema escolar redobra, desse modo, a ação dos determinismos sociais (BOURDIEU e PASSERON, 1964).

Os meus amigos são só pessoas da Providence, o lugar onde faço dança, e a minha família, os meus primos. Não conheço ninguém em Noisy-le-Sec³ (...) Eu estou no bom lado de Noisy-le-Sec, mas é verdade que há lugares que não são frequentáveis! Eu moro num bairro de moradias. Durante as férias, houve problemas com os jovens das cidades vizinhas... Nós não nos entendemos. Insultam-nos cada vez que passamos, tratam-nos de filho de rico, roubaram o nosso correio... (Moça de 17 anos, Vincennes)

A seleção para a inscrição em Notre-Dame de la Providence, que passa pelos resultados escolares e pelo capital econômico, visto que se pagam mensalidades, é rigorosa, tal como as regras do estabelecimento: é proibido fumar, usar boné, levar jogos eletrônicos para a escola, sair da instituição, entre outras proibições; os rapazes estão proibidos de ter o cabelo comprido e de usar

³ Cidade da região da Île-de-France, a leste de Paris.

brinco, enquanto as moças não podem usar minissaias ou muita maquiagem; é malvisto atar a camiseta à cintura e vestir fato de treino, e outras. O sistema escolar, separado entre público e privado, amplifica, portanto, a diferença já existente entre pobres e ricos, tanto em capital econômico como em capital simbólico.

Os estabelecimentos públicos, quanto a eles, recebem alunos de múltiplas origens culturais e condições sociais. Suas regras são muito menos rigorosas do que as dos privados e suas condições materiais são inferiores. Nos estabelecimentos públicos, manifestam-se alguns problemas de indisciplina e violência.

– Há muitas zaragatas [*confusões*]?

– Sim, há. É um liceu violento.

– Há *bullying*?

– Sim, também. Seringues nos banheiros... Já houve violações nos lavabos... É um liceu de doidos! Se você fica debaixo das janelas, pode levar com as cadeiras e as mesas que voam pela janela!

– O liceu é tão degradado no interior como no exterior?

– Sim, parece um *bunker*!

– Sempre houve este portão com um segurança à entrada?

– No início, não. Mas há três, quatro anos, puseram câmeras de vídeo nos corredores e esse portão que se fecha a cada hora. Mas, sabes, há tanta gente nesse liceu que há muita gente do exterior que entra mesmo. Sabes, é muita gente a entrar, não podem controlar.

– O segurança não pode fazer grande coisa...

– O segurança não serve de nada! Quando os alunos estacionavam os ciclomotores na frente do camarote, havia roubos permanentemente. Chegam com pinças, quebram as correntes. O tempo que o segurança chama a polícia, eles já foram! Mas agora puseram polícia à civil [*à paisana*] no liceu. E há sempre carros de polícia à entrada (...) Há professores que levaram tareias [*surras*] de alunos, no liceu... Há um professor, quase lançaram ele pela janela! (...) A professora de inglês, no fim do ano, toda a turma bateu nela. Tinha feito uma depressão, chegava na sala de aula e não fazia nada... Os alunos se reuniam às mesas, jogavam cartas, brincavam com bolas de tênis, fumavam cigarros...

– Era uma turma de quantos?

– Éramos 35. Às vezes não havia cadeiras que chegassem para todos. Ia-se procurar nas outras salas. Já aconteceu de alguns terem de ficar de pé.

- Não há muitas condições materiais...
- Sim, há falhas de eletricidade, não há aquecimento, não há giz... Os computadores e os leitores de cassetes de vídeo eram roubados. (Excerto de entrevista com um rapaz de 20 anos, aluno do Jean Jaurès)

As populações estudadas apareceram, em geral, estancas no plano da sociabilidade: os adolescentes recrutam seus amigos no meio social em que eles mesmos estão inseridos. Assim, os de Montreuil, à imagem da cidade, têm amigos de mesma condição social, frequentemente da mesma cidade em que vivem e estudam, e com origens culturais mais diversificadas que os de Vincennes, cujo ambiente é cultural e socialmente mais homogêneo: dois terços dos sujeitos inquiridos em Notre-Dame de la Providence nasceram no seio de famílias francesas contra um quinto dos de Jean Jaurès.

A respeito da origem cultural, é de notar que os portugueses não se consideram estrangeiros, por serem europeus e fazerem parte da União Europeia, e tendem a ter discursos críticos em relação aos filhos de não europeus:

- Os portugueses, tudo bem, mas os árabes e aquela gente, tenho a impressão que eles não se integram. No meu meio não tem. Portanto, pode-se dizer que estou num meio privilegiado, estou bem ao abrigo daquilo. (Filha de portugueses, com 18 anos de idade, aluna de Notre-Dame de la Providence, em Vincennes)
- Na Providence, não há muitos estrangeiros, mas há muitos portugueses. (Moça de 15 anos, filha de mãe portuguesa e pai polaco, Vincennes)
- Acho que os estrangeiros têm ajudas sociais em demorado (...). Eu não me considero como estrangeiro, não. (Filho de pai português e mãe espanhola, 18 anos, Vincennes)

A precariedade, a violência e a droga fazem parte do cotidiano dos jovens dos bairros desfavorecidos da *banlieue*. A falta de recursos financeiros pode tornar-se um obstáculo à autonomia a que aspiram. A procura de autonomia segue então outros modos de expressão que podem se encarnar em atos de transgressão da norma social e em práticas ilegais, tal como o comércio de drogas.

O consumo de drogas

Normalmente, o consumo de drogas começa na adolescência. O fenômeno desse consumo nessa faixa etária tem aumentado nos últimos 30 anos, assim como a variedade de substâncias (CHOQUET, 1993; 1995). Os psicotrópicos podem ser de vários tipos: euforizantes, excitantes, alucinógenos, inebriantes e sedativos, a mesma droga podendo conduzir a efeitos diversos. Os vários consumidores, nas várias fases de suas vidas e em função dos contextos familiar, socioeconômico e cultural em que estão inseridos, e da maior ou menor disponibilidade de determinadas drogas, procuram e encontram efeitos e produtos diferentes (COSLIN, 1996).

Importa também definir o que se entende por drogas. O termo “droga” é geralmente usado para designar as substâncias psicotrópicas consumidas por seus efeitos psicoativos. O consumo admite várias formas, tais como o fumo, a ingestão, a injeção e a inalação, consoante os produtos (o que inclui substâncias cujo uso a que se destina é pervertido, tal como a cola, e produtos de consumo autorizado, como é o caso do álcool). O consumo habitual pode levar à toxicomania ou à farmacodependência. A dependência pode ser física e/ou psíquica. Coloca-se então a questão da distinção entre um consumo ocasional e um consumo habitual de drogas, que acarreta dependência. Geralmente, um consumidor, antes de se tornar habitual, passa por um período maior ou menor de consumo ocasional, o que não significa que os consumidores ocasionais se tornem forçosamente consumidores habituais (CURTET, 1995). Além da questão da toxicodependência (incluindo a dependência ao álcool), o consumo de drogas na adolescência pode estar na origem de acidentes (de tráfego, de overdose etc.), suicídios ou ainda comportamentos de risco relacionados a doenças sexualmente transmissíveis (DST) quando a alteração do estado de consciência leva os adolescentes a negligenciar a prevenção.

– O problema com a droga é que podes tornar-te dependente ou podes fazer borrada [*besteira*] quando estás drogado, e aí você pode pôr a vida em risco! Há tipos que vão fazer corridas de motos quando estão pedrados, sabes? (Rapaz de 16 anos, Montreuil).

– Tive relações uma vez sem preservativo porque tinha fumado... Mas o pior é o álcool, nem consegues ter uma ereção! [*risos*]. (Rapaz de 18 anos, Vincennes)

Importa também questionar a origem do consumo, isto é o que motiva a iniciação ao uso de drogas na adolescência. Ela é simultaneamente de ordem individual, como mecanismo de defesa contra a ansiedade ou o mal-estar ou como busca de prazer, e sociológica, enquanto conduta grupal ou ainda pela pressão dos estereótipos que associam, por exemplo, “*cannabis* é produto jovem, normal e liberador” (JOURDAN, 2005). O consumo de drogas prende-se, portanto, com as relações interpessoais do indivíduo, o contexto familiar e social, a relação com a sociedade que o cerca e a biografia do indivíduo.

A adolescência

A adolescência é um período de mudanças, de evolução, de transformações essenciais em todos os níveis: modificações biológicas ligadas aos fenômenos da puberdade, modificações psicológicas relacionadas à construção identitária e modificações sociais sob o efeito da evolução das relações com os próximos (BOUKRIS e DONVAL, 1990). A adolescência é descrita pelos entrevistados como um período difícil. Por vezes, os adolescentes sentem-se mal em sua nova pele. São mais livres, mas são também, por conseguinte, obrigados a ser mais responsáveis. É tempo de decisões fundamentais, que determinam o futuro, tal como a escolha de orientação escolar. Os pais que o adolescente idealizou desiludem-no, ele descobre as injustiças da sociedade, quer mudar o mundo... Quando ocorre, a crise da adolescência pode ser vinculada às dificuldades da ruptura com a infância e de acesso ao status de adulto, que implicam a tomada de novas responsabilidades, decisões, mudança de papéis etc. Mas ela é também associada às dificuldades do meio familiar, socioeconômico e educativo do adolescente (CLAES, 2003).

Quando as dificuldades tradicionais da adolescência – como as que se prendem com as renegociações do relacionamento com os próximos ou com a impossibilidade de se reconhecer na imagem que lhe é dada pelos outros – se sobrepõem a uma fragilidade impulsionada pelo contexto de vida e pela condição social, forma-se um terreno favorável a várias formas de comportamentos desviantes (GALLAND, 2001).

Os adolescentes de Montreuil falam de comportamentos desviantes, frequentemente associados a um risco, tais como a velocidade na estrada, o roubo ou outras formas de transgressão, como um meio para atingir o prazer, porque “não há nada mais para fazer”, como uma estratégia identitária, procurando a acumulação de experiências diversas, a adesão ao grupo de amigos do bairro e a sensação de bravura e robustez que possa trazer-lhes o afrontamento do perigo. A adesão a produtos de consumo ilegal funciona também como uma marca de pertença a um determinado espaço social (BOURDIEU, 1984), os bairros onde vivem os sujeitos socialmente mais desfavorecidos.

A impossibilidade de atingir objetivos valorizados em termos sociais e repetidas situações de malogro no planos escolar, afetivo e social são fatores geradores de violência. E a violência é por vezes dirigida contra si mesmo, por meio de comportamentos destrutivos, como a toxicomania, o suicídio, a anorexia etc. (GALLAND, 1999; WOODS, 1990). A droga é também uma procura de prazer imediato ou ainda uma resposta ao desejo de transgredir as proibições.

– Na minha cidade, há muita heroína a girar. Agora, as coisas acalmaram-se, mas houve uma altura em que a polícia nem sequer entrava nos bairros! Houve tiroteios entre os tipos do meu bairro e os de um outro bairro (...) Na escola, é uma outra mentalidade. Na minha cidade, as pessoas não são iguais. Não é o mesmo mundo. Porque é uma vida dura. Não há verdadeiramente sentimentos. É um meio duro, que torna as pessoas duras, blindadas, como se tivessem uma carapaça... Quando se gosta de alguém, não se mostra. Não se mostra da mesma maneira... Eu nunca disse a uma moça que a amava. (Rapaz de 20 anos, Montreuil)

A iniciação ao consumo de drogas

Por meio de experiências isoladas ou esporádicas, muitos adolescentes entrevistados em Montreuil consomem psicotrópicos. Pode ocorrer por curiosidade, para se enfrentar as proibições ou para se testar diferentes imagens de si junto a seus pares. A curiosidade em relação a novas fontes de prazer ou de evasão, o desejo de exceder as frustrações e as inibições

relacionais, a atração pelo “fruto proibido”, ou ainda a pressão dos pares, tudo isso desempenha um papel evidente na iniciação do consumo de drogas. Não devemos, entretanto, concluir que os adolescentes que têm essas experiências correm o risco de tornarem-se toxicodependentes. A maioria dos que provam drogas nunca chegam a esse ponto. No entanto, sem adquirir realmente a dependência, certos adolescentes viram consumidores regulares desses produtos, como é o caso do abuso de álcool aos fins de semana, podendo comprometer sua saúde e sua inserção social (RAYOU, 1998).

Vários fatores devem ter-se em conta na iniciação ao consumo de drogas. A adolescência só pode ser compreendida tendo em conta as relações com a família. A educação dada pela família desempenha um papel fundamental na elaboração da individualidade da criança, na medida em que é em seu seio que eclodem os primeiros sentimentos e que se constrói a personalidade; é ela que transmite em grande parte os valores, os modos de pensar e fazer. A célula familiar detém um papel central na construção biográfica da criança e do adolescente.

O grupo de pares e o ambiente escolar, onde o adolescente passa a maior parte de seu tempo, vai constituir um segundo elemento de construção identitária. A amizade assume grande importância nesse período da vida, pois o grupo de amigos representa a apropriação de um universo relacional construído por ele próprio, a adaptação a uma forma de organização coletiva, a aquisição de experiências novas, uma referência central para a construção da sua identidade e, por vezes também, uma fuga à incompreensão dos adultos (MAIA, 2010). O grupo de pares pode, por conseguinte, desempenhar um papel importante na iniciação ao consumo de drogas (JOURDAN, 2005; PERETTI-WATELL et al., 2007).

O terceiro fator relaciona-se às próprias características da adolescência (no contexto cultural ocidental): a procura de prazer imediato, o desejo de transgredir os interditos, a inconsciência do perigo real e um concomitante desejo de afrontar o perigo (LE BRETON, 1995b), a atração pela aventura e a vulnerabilidade à pressão dos pares (BARBEIRO, 2003). O adolescente procura a experiência do perigo, por vezes mesmo a experiência da dor, como se visse neles um rito de passagem que não encontra de outro modo. Com efeito, nas sociedades ocidentais contem-

porâneas verifica-se um desaparecimento progressivo dos ritos de passagem que outrora marcavam e regulavam as etapas da vida, as trajetórias biográficas. Os adolescentes inventam novos atos simbólicos, novos emblemas, que marcam os momentos do ciclo da vida. Esses novos atos rituais substituem os ritos cerimoniais e coletivos, que tendem a desaparecer: o serviço militar para os rapazes, os sacramentos da religião católica, o noivado etc. (CENTLIVRES, 1986; LE BRETON, 1995a).

O quarto fator diz respeito ao espaço social (BOURDIEU, 1984). A observação das populações estudantis permitiu-nos concluir que não há um perfil do adolescente independentemente do espaço social no qual ele evolui, que os comportamentos desviantes inserem-se em contextos sociais de maior ou menor vulnerabilidade (DUBET, 1987) e que certas práticas e comportamentos são mais ou menos próximos da normalidade, cuja definição varia consoante o espaço social no qual se inscrevem os atores sociais (FAGE e LAË, 2000).

Os adolescentes entrevistados em Notre-Dame de la Providence listam um único pequeno grupo consumidor de drogas ditas leves e explicam esse consumo pela necessidade de se demarcar dos outros, aderindo ao “grupinho dos que fumam” (maconha), pelo desejo de transgredir as regras e pelo prazer que possa trazer-lhes a sensação de estar “alhures”, de evasão. Em seus discursos, o uso de drogas é depreciado e condenado, e o “grupinho dos que fumam” é considerado marginal. Já entre os inquiridos em Montreuil, o consumo de drogas – sobretudo o álcool e a maconha – é mais frequente, particularmente entre os rapazes, que também as usam como um meio de exibição da virilidade. Expressão de um desejo de emancipação, sinal de uma recusa dos interditos e de uma atitude rebelde, o consumo de drogas marca uma distância com as proibições ditadas pela família e pela escola.

Atos iniciáticos

A primeira bebedeira ou o primeiro cigarro de maconha podem funcionar como ritos de passagem. São atos iniciáticos que, diferentemente de nas sociedades tradicionais, não comprometem toda a sociedade, mas apenas o grupo de amigos, ou mesmo uma única pessoa. Assim, o primeiro namoro, a pri-

meira ida à discoteca, o primeiro cigarro, o ingresso no liceu, a obtenção da carta de condução, a marcação de um espaço pessoal e privado que é o quarto, a festa de aniversário, a fuga, a integração em um grupo, a primeira relação sexual, são experiências vividas como atos iniciáticos que conferem um novo estatuto ao indivíduo. Na ausência de um modelo social unívoco, os adolescentes e os jovens seguem os próprios itinerários e inventam ações e discursos que lhes servem de marcos biográficos. Encontram-se nesses atos iniciáticos, como é o caso do consumo de drogas, certas características dos ritos de passagem das sociedades tradicionais: a prova do sofrimento, do perigo, da bravura (FELLOUS, 2001; ELIADE, 1959).

– Eu senti-me transformada no dia em que usei lingerie sexy pela primeira vez. (Moça de 17 anos, Vincennes)

– Eu mudei muito quando passei do colégio para o liceu. Foi a fase de passagem das relações de duas semanas às relações mais duradouras. (Moça de 18 anos, Vincennes)

– Para já, as relações sexuais trazem uma grande mudança na tua vida. E ocupam muito o cérebro! (Rapaz de 18 anos, Vincennes)

– Uma coisa que me marcou muito foi a festa de aniversário dos meus 18 anos. A partir daí passei a uma outra fase. (Rapaz de 19 anos, Vincennes)

O corpo é o lugar de inscrição privilegiado da iniciação. Ele representa um meio de expressão simbólica dos conflitos dos adolescentes. Agir sobre o corpo torna-se uma forma expressiva eficaz, pois ele é simultaneamente sujeito e objeto da expressão. O consumo de drogas pode então ser interpretado como uma forma de agência sobre o corpo, uma ação do sujeito sobre o seu corpo. O corpo é simultaneamente sujeito e objeto (BOLTANSKI, 1971).

Os atos iniciáticos atuam sobre o real, agindo sobre as representações do real. Assim, independentemente do conteúdo desses atos expressarem ou não uma real maturidade, suscitam no indivíduo um sentimento de transformação de si. Quando se produzem dentro do grupo de pares, desempenham também um papel essencial na integração

do indivíduo a um grupo de pertença, servindo, portanto, de cimento das relações de sociabilidade, das relações interpares. Concomitantemente, esse grupo de pares vai determinar fortemente as escolhas dos meios utilizados para marcar as etapas da biografia do adolescente.

Os pares

Da pesquisa de campo se depreende que o meio sociocultural e o ambiente familiar orientam o desenvolvimento afetivo dos adolescentes. A educação dada pela família desempenha um papel fundamental na elaboração da individualidade e da afetividade do adolescente, na medida em que em seu seio são transmitidos valores e modos de pensar e fazer. Mas o grupo de pares e o ambiente escolar, onde o adolescente passa grande parte de seu tempo, constitui um outro importante elemento de construção da identidade, um elemento que adquire um peso crescente na adolescência (MAUGER, 2009).

Um controle recíproco exerce-se entre os elementos do grupo de pares. Esse controle faz parte da sociabilidade e determina a natureza do grupo de amigos e lhe confere uma unidade e uma identidade que passam, como vimos, pelo vestuário, a linguagem, os modelos relacionais etc. O grupo de pares torna-se um marcador de autoavaliação e representa a apropriação de um universo relacional central.

- Você tem amigos em Montreuil?
- Não, é antes a escola. Mas mesmo na escola, a gente não vem do mesmo lugar, não é uma escola de bairro, não tem nada a ver.
- Os teus pais supervisionam as tuas frequentações?
- Não, sou eu quem fala. Mas por um lado minha mãe está tranquila porque, em uma escola privada, não é qualquer um que vai, tendo em conta que há uma seleção pelo dinheiro. Não é qualquer um que vai para esse tipo de escola, aqui não há gentinha... A Providence é especial! Bom, quando cheguei, eles disseram-me que era agressiva. Bom, deduzo que é por causa de Jean Jaurès, onde passei um ano.
- Como assim, “agressiva”?
- Tipo, dizia palavrões, não era especialmente amável com as pessoas... E agora, quando falo com pessoas do público, acham que tenho um ar esnobe! Eles continuam com aquela espécie de ca-lão que não suporto! Mas bom, agora estou blindada. A Providen-

ce me formou muito bem! Não falo de forma alguma o calão!

– Quais são as proibições que mais te incomodam?

– No início tinha, mas agora não. (...) No início, vindo de Jean Jaurès, não poder sair... Você aqui tem um mapa com os horários em que pode sair, com o acordo dos pais, pode sair a estas horas apenas. (...) Mas há pequenos detalhes que chocam quando você vem do público. Não ter o direito de levar o pulôver em redor da cintura, porque dá um ar negligenciado (...) Para os rapazes, os brincos, não aceitam de forma alguma. O boné, o leitor de música, tudo isso é confiscado. *Game boy* está fora de questão... As moças não podem ter demasiada maquiagem, saias demasiado curtas... A roupa de desporto é malvista (...) Todos esses detalhes. Depois, para nós, isso se torna natural. Os pulôveres à volta da cintura não se gosta mais.

– Acontece de se sair com rapazes dos liceus vizinhos?

– Não! Aquilo é gatinha! Gatinha e Providência, não, não se faz. Não temos os mesmos pontos de vista.

– Por exemplo?

– Bom, não vou falar de política, mas, por exemplo, eles são de esquerda e nós de direita. Eles gostam de vaguear pelas ruas, eles nos veem como ricos... Quando surge um intruso na praça onde costumamos estar, é claro que nós vamos desconfiar logo: de onde sai este cara?

– Como você adivinha de onde ele vem?

– Imediatamente em relação ao vestuário, você vê de imediato de onde sai o cara... (Extrato de entrevista com uma aluna de Notre-Dame de la Providence, de 18 anos de idade)

Os adolescentes atribuem uma grande importância à maneira como são vistos pelos pares. O sentimento tranquilizador de normalidade constrói-se a partir dos olhares externos. Daí a necessidade de conformidade em relação aos outros elementos da rede de sociabilidade. Não respeitar as normas implícitas do grupo de pares pode mesmo provocar a exclusão (WOODS, 1990). A necessidade de se estar em grupo responde a necessidades sociais. Os grupos são um meio de troca de informações e uma maneira de comunicar e de estar em relação com os outros. A adesão ao grupo responde à necessidade de sentir-se integrado e é um modo de elaboração identitária fundamental na adolescência. O grupo de pares tem uma função de transição da esfera familiar para a sociedade em geral (DE SINGLY, 2001; KINDELBERGER, 2010).

Os jovens mais desfavorecidos não possuem todas as condições do sucesso escolar. Um dos obstáculos que se opõem a suas aspirações é a barreira material, dado que os pais raramente podem financiar seus estudos. O fosso que separa a ideologia da sociedade de consumo e as dificuldades econômicas tornam-se também, por vezes, um fator de delinquência. Para os adolescentes de Montreuil, os resultados escolares não são uma fonte de reconhecimento no que diz respeito aos amigos, diferentemente dos de Vincennes. Pelo contrário, se um aluno se dedica “demasiado” aos estudos, corre o risco de receber críticas de seus pares. Nos meios mais desfavorecidos, a droga torna-se por vezes um meio relacional central. É por conseguinte “descortês” não compartilhar a droga com os outros, porque significa fugir às relações de sociabilidade e à adesão ao grupo de pares. A droga ocupa aqui o mesmo lugar cerimonial que ocupa a partilha de álcool em muitas sociedades: tece o laço social. Como observou Dufour (1989) no âmbito das “rodadas” nos cafés de província, não pagar a sua “rodada” equivale a recusar a aliança e comunhão de pares, cortar a comunicação e se excluir do grupo. O convite para beber (álcool) para uns e fumar (maconha) para outros é “o argumento que recria o laço social”. Certos adolescentes são, por conseguinte, “obrigados” a consumir droga (o mais frequentemente drogas “leves”) para mostrar a sua relação com os pares e não sofrer uma exclusão do grupo, e também porque é uma forma de evasão e de combate ao aborrecimento quando não se possuem condições sociais, culturais e financeiras para procurar a diverção e a “aventura” de outras formas e em outros campos.

– Tenho uma namorada, mas é complicado, porque fiz muita asneirada. Por exemplo, dizia-lhe que vinha e não vinha (...) Porque, bom, assim que saio, encontro sempre gente do bairro, então forçosamente fumamos um charro [*cigarro de maconha*], ficamos na conversa (...) Durante um ano e meio, ela apoiou-me. Foi ela que me fez sair da cocaína. Mas ao fim de um tempo ficou saturada. Eu chegava à casa dela num estado... Chegava às duas horas da manhã, acordava-a, nem falava realmente com ela, íamos para a cama, pimba pimba [*faziam sexo*], depois dormia e de manhã ia embora. Nunca fui a um restaurante ou ao cinema com ela. (rapaz de 20 anos, Montreuil)

A droga como possível “aventura”

Cada sociedade estabelece regras de comportamentos reservadas à juventude. Do respeito dessas regras depende a adesão do indivíduo a seu grupo de pares. Essas regras variam de acordo com o sexo, a classe social, o meio cultural. Esta investigação dá um exemplo de “subculturas” definidas pelo espaço social de pertença e mostra grupos que o meio social e escolar separa. As redes de sociabilidade desses grupos de adolescentes são diferentes. Os adolescentes das classes desfavorecidas investem nos espaços públicos (como a rua, os centros comerciais e os jardins), enquanto os adolescentes das classes favorecidas preferem os espaços privados (encontrar-se em casa uns dos outros), ou os espaços públicos de consumo (como os ginásios, as discotecas e os bares), como também notou Augé (1992). A vivência de cada um é, assim, orientada pelo meio social e pelo enquadramento escolar. O ambiente escolar, onde o adolescente passa a maior parte do tempo, e o grupo de pares constituem um elemento nuclear da construção identitária dos adolescentes e influenciam as suas biografias.

A iniciação ao consumo de drogas pode ser interpretada sob o prisma do desvio ou do desejo de transgressão, próprio da adolescência. Com efeito, desacatar um interdito como o do consumo de drogas, que é ilegal (à exceção do álcool), corresponde a uma prática transgressiva que expressa o desejo de confronto com o mundo dos adultos e o desvio em relação às normas sociais. O consumo de drogas pode, portanto, ser vivido como uma “aventura” (BARBEIRO, 2003).

A iniciação ao consumo de drogas é aqui entendido como um fato social, sendo que os adolescentes e jovens atores percebem o consumo de drogas como uma experiência valorativa, um posicionamento de oposição diante dos adultos e das regras que lhes impõem, e uma forma de sociabilidade. Nas populações observadas, o consumo de drogas é esporádico e motivado pela busca do prazer da transgressão, assim como pelos hábitos já existentes no espaço social dos sujeitos. A primeira vez que se consome é vivida como um ato iniciático, pois, além de representar uma ação sobre o corpo, é um elemento favorecedor da integração ao grupo de pares. A escolha dos atos iniciáticos depende em grande parte do grupo de amigos, que não é de todo estranha ao contexto familiar, escolar e social do adolescente.

Referências

- AUGÉ, Marc. (1992), *Non-lieux: Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris, Seuil.
- BARBEIRO, Ana. (2003), *Eles, nós e eu, aventuras juvenis: Estudo qualitativo sobre a transgressão na adolescência*. Dissertação (mestrado em psicologia da Justiça). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- BOLTANSKI, Luc. (1971), “Les usages sociaux du corps”. *Annales*, Vol. 26, nº 1, pp. 223-233.
- BOUKRIS, Sauveur [e] DONVAL, Elise. (1990), *L’adolescence: L’âge des tempêtes*. Paris, Hachette.
- BOURDIEU, Pierre. (1979), *La distinction: Critique sociale du jugement*. Paris, Minuit.
- _____. (1984), “Espace social et genèse des ‘classes’”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nºs 52-53, pp. 3-14.
- _____. [e] PASSERON, Jean-Claude. (1964), *Les héritiers*. Paris, Minuit.
- _____. [e] PASSERON, Jean-Claude. (1970), *La reproduction: Éléments pour une théorie du système d’enseignement*. Paris, Minuit.
- BOZON, Michel. (1998), “La sexualité a-t-elle changé? Regards sur l’activité sexuelle et sur ses significations à l’ère du sida”. Em: BAJOS, Nathalie; BOZON, Michel; FERRAND, Michel; GIAMI, Alain [e] SPIRA, Alfred (orgs). *La sexualité aux temps du sida*. Paris, PUF, pp. 11-34.
- CENTLIVRES, Pierre. (1986), “Rites de passage: Changement, opposition et contre-culture”. Em: CENTLIVRES, Pierre [e] HAINARD, Jacques (orgs). *Les rites de passage aujourd’hui: Actes du colloque de Neuchâtel*. Lausanne, L’âge d’Homme, pp. 193-205.
- CHOQUET, Marie. (1993), *Adolescence: Physiologie, épidémiologie, sociologie*. Paris, Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale/Nathan.

- _____ [e] LEDOUX, Sylvie. (1995), “Adolescents: Enquête nationale”. *Revue Française de Sociologie*, Vol. 36, n° 3, pp. 567-569.
- CLAES, Michel. (2003), *L’univers social des adolescents*. Montréal, Presses Universitaires de Montréal.
- COSLIN, Pierre. (1996), *Les adolescents devant les déviances*. Paris, PUF.
- CURTET, Francis. (1995), *La drogue*. Paris, Milan.
- DE SINGLY, François (org). (2001), *Être soi, d’un âge à l’autre. Famille et individualisation, tome 2*. Paris, L’Harmattan.
- DONNAT, Olivier. (1999), “La stratification sociale des pratiques culturelles et son évolution: 1973-1997”. *Revue Française de Sociologie*, Vol. 40, n° 1, pp. 111-119.
- DUBET, François. (1987), *La galère: Jeunes en survie*. Paris, Arthème Fayard.
- DUFOUR, Annie-Hélène. (1989), “Café des hommes de Provence”, *Terrain*, n° 13, Boire, pp. 81-86.
- DURET, Pascal. (1999), *Les jeunes et l’identité masculine*. Paris, Presses Universitaires de France.
- ELIADE, Mircea. (1959), *Initiation, rites, sociétés secrètes, naissances mystiques. Essai sur quelques types d’initiation*. Paris, Gallimard.
- FAGE, Arlette [e] LAÉ, Jean-François. (2000), *Fracture sociale*. Bruxelles, Desclée de Brouwer.
- FELLOUS, Michèle. (2001), *À la recherche de nouveaux rites: Rites de passage et modernité avancée*. Paris, L’Harmattan.
- GALLAND, Olivier. (1999), *Les jeunes*. Paris, La Découverte.
- _____. (2001), “Adolescence, post-adolescence, jeunesse”. *Revue Française de Sociologie*, n° 42, pp. 611-640.
- INSERM. (2001), *Cannabis: Quels effets sur le comportement et la santé?* Paris, Inserm.

- JOURDAN, Didier. (2005), “Prévenir les conduites addictives à l’école”. *Diversité*, n° 143, La santé des jeunes, Scérén/CNDP-CRDP, pp. 71-80.
- KINDELBERGER, Cécile. (2010), “De l’importance des pairs dans la construction de la personne”. *Diversité*, n° 162, Bouffons, fayots et intellos – De l’influence des pairs, Scérén/CNDP-CRDP, pp. 15-20.
- LE BRETON, David. (1995a), *Anthropologie de la douleur*. Paris, Métailié.
- _____. (1995b), *La sociologie du risque*. Paris, PUF.
- LEPOUTRE, David. (1997), *Cœur de banlieue: Codes, rites et langages*. Paris, Odile Jacob.
- MAIA, Marta. (2009 [2004]), *Sexualités adolescentes*. Paris, Pepper.
- _____. (2010), “Être en groupe: L’influence des pairs sur la sociabilité et les choix amoureux”. *Diversité*, n° 162, Bouffons, fayots et intellos – De l’influence des pairs, Scérén/CNDP-CRDP, pp. 7-14.
- MAUGER, Gérard. (2009), *La sociologie de la délinquance juvénile*. Paris, La Découverte.
- PERETTI-WATELL, Patrick; BECK, François [e] LEGLEYE, Stéphane. (2007), *Les usages sociaux des drogues*. Paris, PUF.
- RAYOU, Patrick. (1998), *La cité des lycéens*. Paris, L’Harmattan.
- WOODS, Peter. (1990), *L’ethnographie de l’école*. Paris, Armand Colin.